

## **SER MULHER LÉSBICA: A ARTE COMO RESISTÊNCIA E MEIO DE EXPRESSÃO DO SOFRIMENTO PSICOFÍSICO**

Giovanna Franco Sguarezi (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Sylvia Mara Pires de Freitas (Orientadora), e-mail: sguarezig@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá /Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

**Área: 70700001 – Psicologia**

**Subárea: 70705003 – Psicologia Social**

**Palavras-chave:** existencialismo, método progressivo-regressivo, existência lésbica

### **Resumo:**

A pesquisa desenvolvida originou-se pela experiência anterior da discente-pesquisadora com a arte; e se justifica pela possibilidade de visibilizar experiências sociais de mulheres, neste caso de uma mulher lésbica e artista. Diante disso, o objetivo específico foi compreender a biografia de uma artista lésbica residente da cidade de Maringá, Paraná, acompanhando seus movimentos e escolhas para lidar com as contingências da vida. Para tanto, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas, guiadas pelos objetivos específicos da pesquisa, transformados em perguntas disparadoras de diálogo com a entrevistada. Esse material foi analisado utilizando-se o método progressivo-regressivo, ou biográfico, proposto pelo filósofo existencialista Jean-Paul Sartre. Com relação aos resultados, é possível destacar o olhar do outro como determinante da autopercepção da artista, considerando que, por atitudes arbitrárias de terceiros, apreendeu-se invisibilizada socialmente. Ademais, a presença de um núcleo familiar opressor em seu desenvolvimento, indica que limitou sua forma de expressão verbal; por conseguinte, a participante recorreu à arte como o principal meio de comunicar seu sofrimento. Igualmente foi percebido um alinhamento nas falas da artista com o pensamento de Simone de Beauvoir no que diz respeito à compreensão de ser mulher enquanto “o outro”. Por fim, essas reflexões nos permitiram chamar a atenção de cursos de formação de psicólogos que ignoram a abordagem do manejo de escuta e acolhimento do sofrimento psicofísico expressos pelas artes.

### **Introdução**

Este trabalho apresenta resultados parciais da Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/FA/UEM), intitulada “Ser mulher lésbica e a significação da arte como forma de resistência: uma leitura existencialista”. O interesse em

realiza-la ocorreu pela experiência prévia da discente-pesquisadora com a arte, somado ao desejo de se posicionar e produzir sobre um tema invisibilizado em diversos contextos sociais, que é a existência lésbica. Dessa forma, a pesquisa se justifica, igualmente, pela falta de conteúdo produzido por e sobre mulheres lésbicas no âmbito acadêmico e também pelo apagamento histórico que esse grupo enfrenta.

A respeito dessa realidade na qual as mulheres estão inseridas, Brandão (2018) retrata o sistema social como heteronormativo. A heteronormatividade se apresenta sistematicamente em todos os âmbitos sociais e subjetivos de um indivíduo. Sua constituição perpassa pelo crivo do que é normal e aceitável e o que é marginal e anormal.

Nessa concepção, conforme esta autora, há uma forte relação entre sexo e reprodução. Posto isso, o sexo que não cabe na métrica da reprodução da espécie, no caso em questão o sexo, que não é heteronormativo, encontra-se no lugar do não-ser legítimo, ou em alguns casos, inexistente.

Para além da delimitação daquilo que é ou não aceitável, Rich (2010) critica a perspectiva da imposição para que se siga e se mantenha a norma hegemônica heterossexual posta, isto é, a da heterossexualidade compulsória.

Diante disso, o objetivo geral da pesquisa foi o de compreender a biografia de uma artista nascida e residente na cidade de Maringá, Paraná, enquanto mulher lésbica; e os movimentos realizados por ela durante sua vida, na relação com a arte, principalmente como forma de resistência ao contexto sociopolítico atual, que retoma ideologias conservadoras.

## Materiais e métodos

O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada. Partindo de perguntas disparadoras do diálogo entre discente-pesquisadora e a participante. O método utilizado foi o progressivo-regressivo, também conhecido como método biográfico, proposto pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre (2002). Por conseguinte, foi possível compreender as condições concretas nas quais a artista se inseriu e se insere e como as significou/significa; como apreendeu suas necessidades diante dessas condições, ou seja, suas experiências; quais sentidos deu/dá à essas necessidades a partir de suas ações, que possibilitaram e limitaram que ela superasse as condições concretas opressoras. De igual maneira foi possível chegar à unidade sintética de suas ações, que configura seu projeto de ser como mulher lésbica e artista.

O método progressivo-regressivo (ou biográfico) é um método que segue a lógica dialética. Por ele pode-se conhecer a biografia de uma pessoa acompanhando o movimento dialético realizado por ela na sua relação com o mundo, isto é, como apreende o mundo, o significa e, diante de suas necessidades, age sobre ele para supri-las. Parte-se, portanto, do acontecimento presente, retorna-se ao seu passado para conhecer as condições anteriores, bem como acompanha-se a progressão que ela realiza

para superar essas condições. Seguindo seu movimento foi possível conhecer quais foram as escolhas que realizou para lidar com as contingências da vida. Esse movimento em busca de ser (SARTRE, 1997) desvelou-se pelo seu fazer, portanto, seu projeto compreende a unidade sintética de seus atos, ou seja, um certo padrão criado por ela que permite conhecê-la em sua singularidade.

A fim de tecer essa compreensão, foram realizadas duas entrevistas com a artista participante, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra com a sua autorização, possibilitando o levantamento do conteúdo posteriormente analisado. No início da primeira entrevista foi lido, assinado e entregue à entrevistada uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto da pesquisa foi submetido ao CEP, sendo aprovado sob o Parecer Consubstanciado n. 3.229.636, de 28 de março de 2019.

## Resultados e Discussão

Com relação aos principais resultados obtidos, observamos na narrativa da artista uma forte presença do olhar do outro como limitante de suas ações. Ao ser invisibilizada pelo outro, sente-se socialmente inferiorizada nas suas relações. Outro fator marcante na fala da entrevistada foi a forte presença de um núcleo familiar opressor durante a sua infância e juventude, sem que a possibilitasse estabelecer e desenvolver diálogos no interior deste grupo familiar, este que foi, por sua vez, o grupo primário fundamental na mediação da artista com a sociedade.

As relações familiares que estabeleceu sugerem ter limitado sua livre expressão, de maneira que pudesse desenvolver plenamente seu Ser mulher lésbica. Diante da intolerância do outro para com sua liberdade de expressão, a entrevistada buscou supera-la pela arte. Essa nova via de comunicação também foi utilizada para expressar seu sofrimento psicofísico. Ademais, fez da arte o seu trabalho. Contudo, pudemos compreender, seguindo a trajetória de vida da entrevistada que, mesmo utilizando a arte como uma forma de resistência à opressão, ainda revive e revela, por ela (a arte), sentimentos de insegurança e de inferioridade.

## Conclusões

Diante do exposto, identificamos afinidade entre o relato das vivências da artista com o pensamento de Simone de Beauvoir. Pelas entrevistas, foi possível identificar a preocupação da entrevistada de ser vista como “o outro”, como exemplificado por uma de suas falas: “[...] nosso corpo não serve para nada se não serve para servir ao homem.” De acordo com Beauvoir (2016, p. 11), “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela (a mulher) é o Outro”. Ambas as afirmativas nos permitem compreender a construção social do ser mulher que se situa à deriva, considerando que a ela é concedido um lugar social preterido, comparando ao atribuído ao homem. Em sua fala, a artista relata estar à margem, sendo o “outro” enquanto

mulher e também enquanto lésbica. Ambas as condições a colocam como o “outro” da heteronormatividade.

Para além da compreensão biográfica, as análises também possibilitaram chamar a atenção de cursos de formação de psicólogos que ignoram a abordagem do manejo de escuta e acolhimento do sofrimento psicofísico expressos pelas artes.

### Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Fundação Araucária e à Universidade Estadual de Maringá, por terem possibilitado e financiado a pesquisa realizada. Agradeço também à professora-orientadora, Sylvia Mara Pires de Freitas, que me auxiliou e acompanhou nessa caminhada tão importante, tal qual o nosso grupo de pesquisa. Por fim, agradeço a artista que se dispôs a realizar as entrevistas, viabilizando que essa pesquisa acontecesse.

### Referências

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

BRANDÃO, S. Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 04, n. 02, p.134-142, abr. 2018. Disponível em: <<http://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/26648/16099>>. Acesso em: 28 set. 2018.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução Carlos Guilherme do Valle. **Revista Bagoas**, n. 05, p. 17-44, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>> Acesso em: 10 set. 2018.

SARTRE, J-P. **O ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. (P. Perdigão, Trad.). 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SARTRE, J-P. **Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método**. (G. J. Teixeira, Trad.) Rio de Janeiro: DP&A, 2002.